

Alice Vignoli Reis
Karoline Ruthes Sodré
Rafael Ostrovski

Derivas urbanas e percursos subjetivos

um relato da experiência de produção do curso
“As cidades e a produção de subjetividades”

Este artigo pretende relatar a experiência do curso de extensão “As cidades e a produção de subjetividades”, oferecido no primeiro semestre de 2016 pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e ministrado pelos mestrandos em psicologia Alice Vignoli Reis, Pedro Legey de Abreu Lima e Karoline Ruthes Sodré e pelo graduando em psicologia Rafael Ostrovski. Fomos convidados pela revista *e-metropolis* a relatar esta experiência devido ao interesse pela relação estabelecida no curso entre os estudos urbanos e os estudos no campo da produção das subjetividades. Nos parece que talvez este debate ainda esteja pouco aprofundado no campo acadêmico, apesar de alguns teóricos já trabalharem de maneira consistente esta relação, como a professora Paola Jacques Berenstein (UFBA). Ao divulgarmos o curso, fomos surpreendidos pela quantidade de pessoas que se interessaram pelo tema e pelos con-

tudentes apelos por uma vaga, o que nos mostrou uma necessidade latente em discutir a cidade que produzimos e como esta cidade produz subjetivação, formas de vida.

A ideia de conceber e oferecer um curso de extensão com esta temática surgiu no âmbito do grupo de estudo *Cidades e Subjetivação* (cujo nome também inspirou o título do curso de extensão), ao longo do ano de 2015. O primeiro encontro se deu entre os mestrandos Karoline Ruthes, Pedro Abreu e Lima e Alice Reis, em vista de projetos de pesquisa que versavam sobre o tema da cidade e da produção de subjetividades, porém com enfoques diferentes: Alice estuda a relação entre os processos de subjetivação e a segregação socioespacial, a partir de um trabalho performático, realizado junto a jovens da Favela da Mangueira, em torno de práticas de convivência e circulação no espaço da cidade; Pedro estuda a criação de subjetividades e tecnologias de mobilidade, mais especifi-

Alice Vignoli Reis

é graduada em psicologia (USP) e mestranda em psicologia pela UFRJ.

alice.v.reis@gmail.com

Karoline Ruthes Sodré

é graduada em psicologia (UFRJ) e mestranda em psicologia (UFRJ).

karoline.ruthes@gmail.com

Rafael Ostrovski

é graduando em Psicologia (UFRJ).

rafael.ost3@gmail.com

camente no que diz respeito ao uso da bicicleta e do automóvel em territórios urbanos; e Karoline estuda as possibilidades de criação do “comum” na cidade, partindo das experiências de ocupações culturais no espaço urbano. Como este debate sobre as cidades está incipiente no campo da psicologia, embora seja bastante atual e esteja cada vez mais intenso, Karoline e Pedro resolveram organizar esse grupo de estudos, ao qual Alice se agregou. Posteriormente, Rafael, que escreve monografia sobre artistas de rua independentes, também se juntou ao grupo.

No Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ, há a possibilidade de os alunos de pós-graduação oferecerem cursos de extensão universitária, o que acaba se configurando como uma oportunidade de experiência docente e também de expandir a abrangência do conhecimento produzido na academia. Consideramos que é fundamental ampliar o acesso a este conhecimento, de forma que os saberes produzidos na academia não fiquem apartados da vivência do mundo e nem restritos àqueles engajados na produção. Este engajamento na pesquisa acadêmica ou científica acaba muitas vezes por ter um caráter instrumental, de obtenção de um título, de cumprimento de normas do produtivismo acadêmico e se desvia de seu aspecto fundamental, que é aprofundar o saber coletivo sobre a experiência do e no mundo. Consideramos que a possibilidade de ministrar um curso de extensão nos reaproxima deste aspecto e do sentido de estarmos enredados em uma pesquisa de mestrado, além de contribuir para a real sustentação da universidade no famoso tripé: ensino, pesquisa e extensão.

No final do ano de 2015, movidos pelo interesse em compor com a extensão universitária, começamos a pensar em construir um curso no qual pudéssemos discutir o tema da produção de subjetividades e a cidade. Nos reunimos algumas vezes para levantar as ideias, os temas, os textos, as nossas expectativas e nossas possibilidades de tempo. Tínhamos até meados de fevereiro para fecharmos a proposta e submetê-la ao edital dos cursos de extensão da UFRJ.

Foram dois os blocos que escolhemos para trabalhar no curso: os processos de segregação socioespacial em curso nas cidades e a experiência sensível dos corpos na cidade. São temas que vimos a necessidade de abordar tanto pela aproximação com as nossas pesquisas quanto pela urgência desses debates nos espaços de formação e discussão fomentados pela universidade.

A escolha dos textos e materiais didáticos foi feita coletivamente pelas quatro pessoas envolvidas no projeto do curso e divididos entre as aulas que foram organizadas tematicamente. As ideias e possibilida-

des eram muitas, mas foi necessário realizar escolhas, para adequar os temas ao tempo possível do curso. Sentíamos a necessidade de que as aulas pudessem se expandir para além do espaço da universidade, e, por isso, decidimos que haveria também derivas pelo espaço público e visitas a ocupações, durante as quais fosse possível uma vivência coletiva do espaço da cidade, de forma a fortalecer e enriquecer nossas possibilidades de reflexão sobre a temática urbana. Também decidimos que as aulas seriam conduzidas de forma dialogada e aberta.

Dessa maneira, o curso ficou formatado em doze encontros semanais, de três horas cada, com duas aulas fora da universidade e duas aulas de reverberação após essas experiências. Os temas que elegemos foram os que estavam reverberando para cada um em nossas próprias pesquisas. Os textos dialogavam entre si, com autores de várias áreas, e, assim, sinalizavam o quanto esse tipo de estudo emergia na transdisciplinaridade, não sendo o debate exclusivo de uma única área de conhecimento. No decorrer do curso conversamos com os textos de Suely Rolnik, Raquel Rolnik, David Harvey, Félix Guattari, Michel de Certeau, Richard Sennett, Guy Debord, Paola Jacques, Marcelo Lopes de Souza, Antônio Risério, entre muitos outros.

Durante o percurso tivemos algumas surpresas. Ao fazermos a divulgação do curso nas redes sociais, nos surpreendeu o grande interesse das pessoas: 180 pessoas inscritas, com cartas de intenções (item solicitado para seleção ao curso) interessantíssimas e variadas, que narravam experiências e vontades diferentes, cada um à sua maneira. Seria um desafio escolher as pessoas que preencheriam as 35 vagas que havíamos estipulado para o curso. Inicialmente seriam 25 pessoas, mas aumentamos a oferta de vagas devido à grande procura. Elaboramos critérios que a seleção seguiria, divulgando-os a todas as pessoas interessadas:

1. O quanto a carta de intenções estava afinada com o objetivo do curso;
2. Pessoas que fazem parte de movimentos sociais e/ou coletivos que pensam e fazem intervenções que abordam a temática do curso;
3. Professores e funcionários da rede pública de educação;
4. Estudantes de diferentes cursos e áreas de conhecimento.

Dessa forma, o grupo ficou composto por estudantes e professores de diferentes cursos, lugares, idades, militâncias. Para exemplificar a mistura: as pessoas vinham de cursos de teatro, geografia, educação física, arquitetura, dança, psicologia, de militâncias na Vila Autódromo, Zona portuária, Observatório

de Favelas, Massa Crítica, Colégio Pedro II, Teatro de Operações e rádios livres. Durante o curso, buscamos construir uma linguagem comum, que aprofundasse as discussões dos textos propostos, mas que não fosse hermética a quem não estivesse habituado com determinado autor ou conceito. Pensamos formas de aula que não prendessem os sentidos em uma única direção, procurando tanto variar a disposição das cadeiras (ora em círculos pequenos, ora em grandes; sem sentar duas vezes no mesmo lugar), quanto circular as vozes (atentando para o tempo de fala): **menos teatro, mais agora.**

O exercício de pensar e organizar as aulas tem sido de grande contribuição para a escrita de nossas dissertações. Rer os textos que indicamos na bibliografia, pensando em como discuti-los, faz com que as palavras e ideias ganhem maior densidade e a discussão das ideias nas aulas aprofunda e diversifica nossas compreensões e conceitos. Cada participante traz uma singular composição de cidade inscrita em seu corpo e contribui com suas experiências, leituras e ideias.

Até o momento, vivemos uma das aulas fora do espaço da universidade: a visita às ocupações. Os locais de visitas, definidos junto aos participantes, foram: Ocupação Vito Gianotti, Vila Autódromo, Quilombo da Serrinha, Centro de Educação Cultural Serra da Misericórdia, Horta Comunitária do Grajaú e Escola Cairu. A princípio, pensávamos em nos restringir às ocupações vinculadas ao tema da moradia, mas surgiu no grupo a necessidade de visitar também outros tipos de ocupação, e uma pessoa definiu as ocupações de uma forma mais abrangente, como “espaços de resistência e cuidado dentro da cidade”.

Após a visita, compartilhamos os relatos das experiências, que foram realizadas em grupo. Os relatos e a discussão foram bastante potentes e trouxeram inúmeros elementos para pensar a cidade. Embora não seja possível registrar aqui todos os elementos, devido a uma limitação de espaço de texto e da memória, seguem alguns pontos que ficaram registrados em nossos cadernos e em nossas lembranças acerca do dia:

– Da visita à Ocupação Vito Gianotti ficou registrado o quanto uma militância e a luta pelo direito à moradia se articulam com a necessidade básica de ter um teto para morar e sobre os desafios e a potência da autogestão de um espaço de habitação coletiva e também sobre o trabalho de recuperar um prédio abandonado pelo poder público, tomado pela vegetação e sujeira, de tornar o espaço habitável e da incoerência da insistência deste poder em deixar o espaço desabitado e descuidado;

– Sobre a visita à Horta Comunitária do Grajaú, os membros do grupo relataram que entrar em contato com um espaço de terra acessível dentro do bairro e cuidado de forma comunitária fez com que se conectassem com a ideia do direito à terra e com a possibilidade de cuidá-la. Observaram também que mexer com a terra cria o sentimento de comunidade e ressaltaram o fato destes frutos da terra ficarem disponíveis a quem quer que quisesse colhê-los;

– Da visita ao Quilombo da Serrinha, os participantes destacaram a possibilidade do encantamento do espaço e o quanto este era bem cuidado e habitado. O contato com as aulas de jongo fez com que pensassem sobre a memória do corpo e a importância de “resistir para garantir que meus ancestrais continuassem vivendo em mim”;

– Da visita à Vila Autódromo, foram marcantes as casas ausentes, que foram demolidas pelo Estado e o fato dos terrenos terem sido doados para grandes empreiteiras, como Odebrecht e Cyrela;

– Da visita ao Centro de Educação Multicultural da Serra da Misericórdia, cuja sede ocupa uma alocação que havia sido de uma das pedreiras que explora o local, o grupo ressaltou a percepção de uma colonização do espaço e da terra e a importância da resistência a essa colonização. Ressaltaram também a surpresa de descobrir um espaço com tanta beleza e natureza tão próximo ao espaço construído da cidade e também a surpresa de descobrir, em um tempo de tanta escassez de água, que a Serra tem 14 nascentes.

De todos os relatos, ficou muito marcada a relação entre as ocupações e uma relação de cuidado com o espaço, e também de um espaço voltado, de fato, para a habitação. Esta palavra vem do latim *habitare*, cujo significado é *viver em, morar* e está relacionada à palavra *habere* — “possuir, ter, manter”. A palavra “morar”, por sua vez, vem do latim *morari* que quer dizer “retardar-se, ficar, viver”. As ocupações parecem revelar espaços voltados para a vida e não para propósitos outros, estranhos a este caráter vital da existência.

Ainda faremos uma deriva pelo centro da cidade, centrada na escuta da paisagem sonora urbana. Com esta aula, procuramos propor outras formas de habitar o espaço da cidade a partir dos sentidos do corpo, para poder pensar sobre a relação entre cidade e experiência sensível.

Movidos pelo elaborar desta escrita, e como forma de fazer com que as vozes dos participantes também constassem nesse relato, na aula do dia 30 de maio perguntamos a eles o que estavam achando da experiência do curso. Este também foi um momento de surpresa para nós — não esperávamos ouvir os aspectos que foram pontuados. Relataremos alguns

destes aspectos que ficaram registrados em nossas anotações:

– Foi falado que a maneira como organizamos a aula quebra a forma hierarquizada de transmissão do saber, e todos se sentem participantes na construção do conhecimento, além de que o fato do curso ter um caráter aberto e democrático não faz que ele perca o caráter acadêmico;

– Uma das participantes afirmou que o curso a auxilia a pensar maneiras de quebrar as formas hegemônicas de dar aula, nas quais seja possível uma maior troca de ideias entre os alunos. Ela relatou que o seu caderno está cheio de anotações de falas dos colegas e ressalta o fato de passarmos anos na universidade sem entrar em contato com o pensamento das pessoas que estudam conosco.

– Um arquiteto que faz o curso pontuou que a diversidade de áreas de formação dos participantes do curso enriquece o debate. Ele disse que em sua área a discussão sobre a cidade é constante, mas que ele não via conexão deste debate com outras áreas do conhecimento e que também não imaginava que esse tema fosse tão amplamente discutido na geografia.

– Uma geógrafa se surpreendeu com a afirmação, uma vez que o conceito central estudado na geografia é a organização do espaço, mas, por sua vez, disse que não imaginava que este debate pudesse ser realizado no âmbito da psicologia.

– Uma outra pessoa afirmou que a palavra que a tem atravessado na experiência do curso é a palavra COMUM: “como construímos comum a partir da troca de ideias e como o comum tem nos atravessado e nos trouxe até aqui”. Ela afirmou também que o sentido da palavra OCUPAÇÃO lhe tem reverberado muito, e que o mais interessante para romper com formas hegemônicas de estar na cidade é estar junto, trocar.

– Alguém se lembrou do primeiro dia de aula e disse que foi um dia de euforia, pois havia muita expectativa em relação ao curso e apontou como positivo o fato de havermos trazido uma proposta sobre a visita às ocupações e termos permitido que ela fosse mudada e ampliada. Também foi pontuado que a experiência na ocupação foi significativa e seguiu reverberando através das semanas.

– Um dos participantes disse que os encontros permitiram “materializar o que é a produção de subjetividade”.

– O curso foi apontado como espaço de reflexão, de produção de conhecimento, de acolhimento e fortalecimento mútuo; como possibilidade de pensar em novos jeitos de fazer intervenção, novas ideias para ocupar a cidade; como espaço de rebelião contra modos de vida hegemônicos. Constatou-se que um

espaço de estudo assim afirma uma temporalidade que atualmente é muito difícil de viver.

A construção coletiva do curso tem sido para nós uma experiência enriquecedora em muitos sentidos: como combustível para nossas pesquisas, como laboratório para nossas intervenções como pesquisadores e professores, como espaço para o “comum” no âmbito da produção interdisciplinar e como território de ventilação da própria academia, que na experiência da extensão encontra a real possibilidade de abertura e articulação com as diferentes áreas de conhecimento e atuação, assim como também com os temas de relevância para a sociedade com a qual, por vezes, a academia pouco se relaciona.

Entre nossos futuros projetos, logo após o encerramento do curso, estão os planos de organizar, junto às pessoas que participaram, um seminário aberto no qual as questões abordadas nesse percurso se articulem com as áreas de interesse dos participantes. Também é nosso objetivo retornar com o grupo de estudos *Cidades e Subjetivação*, que acontecerá no campus da Praia Vermelha, com horário, dia e local ainda a confirmar. No decorrer do ano de 2015, o grupo funcionou de maneira muito aberta e autogerida. Qualquer um dos participantes podiam trazer para o grupo os desejos de leitura e estudo. Líamos os textos durante o encontro, debatendo durante a leitura. Pretendemos manter esse formato de leitura e participação. Também desejamos organizar mais um curso de extensão que verse sobre o mesmo tema, com previsão para o ano que vem.

Como primeira experiência do curso, já conseguimos visualizar com mais clareza nossos acertos, nossos equívocos e as possibilidades de ação que poderiam ser mais abrangentes ou mais específicas. Nossa vontade de produzir outro curso é também um desejo de amadurecer a experiência, testando outros métodos, textos e reflexões, mas mantendo o tema e o formato, explorando a heterogeneidade dos participantes

ALGUMAS REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Débora. **A mulher e o direito à cidade**. Disponível em: <http://blogueirasfeministas.com/2015/07/a-mulher-e-o-direito-a-cidade/>
- BENJAMIN, W. O flâneur. In: **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 33-65.
- CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades: ensaios e etnografias**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. p. 89-92.
- CHAPOLIM; Seixas, Vladimir. **Atrás da porta**.

- 92min, Brasil: 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_ahMaiRodNw>. Acessado em 7 jul. 2016.
- DEBORD, G. Teoria da deriva. **Internacional situacionista**, 1. 1958.
- DE CERTEAU, M. Caminhadas pela cidade. In: **A invenção do Cotidiano**. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- DO RIO, João. **A alma encantadora das ruas**. Vol. 11. Google, Inc., 2013.
- FONSECA, Rubem. A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro. In: **Romance negro e outras histórias** (1992): 9-50.
- GLICÉRIO, Antonio. Mulheres da rua. In: **Mulher, casa e cidade**. Editora 34, 201. p. 215-223.
- GUATTARI, Félix. Restauração da cidade subjetiva. In: **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 167-179.
- HARVEY, David. O direito à cidade. **Piauí**, jul. 2013. Disponível em: <<http://revistapiaui.estado.com.br/materia/o-direito-a-cidade/>>. Acessado em 6 jul. 2016.
- JACQUES, Paola B. Corpografias urbanas. In: **Arquitextos**, ano 08, fev.2008. Disponível on-line em:<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>. Acessado em 7 jul. 2016.
- _____. **Elogio aos errantes**. 2012. Salvador: Editora EDUFBA, 2012.
- LEWIS, Aidan. Jaywalking: como a indústria automobilística proibiu atravessar a rua. **Caos Planejado**, 16 mar. 2015. Disponível em: <<http://caosplanejado.com/jaywalking-como-a-industria-automobilistica-proibiu-atravesar-a-rua>>. Acessado em 7 jul. 2016.
- ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.
- SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Editora Record, 2006.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. Do “direito à cidade” ao direito ao planeta: territórios dissidentes pelo mundo afora e seu significado na atual conjuntura (1ª parte). **Passa Palavra**. Disponível em: <<http://www.passapalavrainfo/2014/07/97823>>. Acessado em 7 jul. 2016. ■